

# NA BERLINDA VIVA O POVO BRASILEIRO: REALIDADE OU INVENÇÃO POÉTICA?

Silvia Regina P

UERJ-L

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro, N Fronteira, 1984.

*“Que sei eu? Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um (...)”*

Clarice Lispector. *A Hora da Estrela*

Pois é. A história de João Ubaldo Ribeiro fala de consciência, de irmandade, de identidade, de busca, de luta, de liberdade, de pretos, brancos, mulatos, vida e morte, ódio e amor, de escravos de todo tipo, principalmente os propriamente ditos, de gente... de povo.

– “Que será aquilo que chamamos de povo?” – pergunta um personagem lá pelas tantas da narrativa. Ao que ele mesmo responde: “povo é raça, é cultura, é civilização, é afirmação, é nacionalidade, não é o rebotinho dessa mesma nacionalidade. Mesmo depuradas, como prevejo, as classes trabalhadoras não serão jamais o povo brasileiro, eis que esse povo será representado pela classe dirigente, única que verdadeiramente faz jus a foros de civilização e cultura nos moldes superiores europeus – pois quem somos nós senão europeus transplantados?”

Tais considerações são feitas em Salvador, Bahia, a 17 de março de 1839. E é essa opinião, que acabamos de ouvir da boca de um personagem, pelo que ela representa de uma velha e opressiva prática retórica, social, política e ideológica, que é duramente criticada no romance, do jeito bem humorado característico do autor.

*“Quando os padres chegaram, declarou-se grande surto de milagres, portentos e ressurreições. Construíram a capela, fizeram a consagração e, no dia seguinte, o chão se abriu*

*para engolir, um por um, todos os que consideraram aquela edificação uma atividade absurda e se recusaram a trabalhar nela. Levantaram as imagens nos altares e por muito tempo ninguém mais morria definitivamente, inclusive os velhos cansados e interessados em se finar logo de uma vez, até que todos começaram a protestar e já ninguém no Reino prestava atenção às crônicas em que os padres narravam os prodígios operados e testemunhados. Deitava-se um velho morto ao pé da imagem e, depois de ela suar, sangrar ou demonstrar esforço igualmente estrênuo, o defunto, para grande aborrecimento seu e da família, principiava por ficar inquieto e terminava por voltar para casa vivo outra vez, muitíssimo desapontado.”*

Em contrapartida, para dar combate a tudo isso, por essas e por tantas outras formas de repressão e de opressão, e para criar uma consciência forte de identidade brasileira, é que os escravos – personagens de João Ubaldo – criam a mística, lendária e poética “irmandade da casa da farinha”, na senzala grande da Armação do Bom Jesus, a 9 de setembro de 1827.

*“Chamava essa irmandade de Irmandade do Povo Brasileiro e insistia em que não era uma invenção poética, mas uma realidade, só que uma realidade oculta por aquelas a que todos estão acostumados.”*

O enredo nos chega todo demarcado por circunstâncias de espaços e tempos: lugares que vão e vêm, dançando na descontinuidade de datas, que, postas em cronologia, vão de 1647 a 1977.

Mas, “porque sempre existe um outro tempo dentro do tempo”, a história de João Ubaldo caminha através desse artifício espaço-temporal de ir e vir, fazendo com que os ‘fatores externos’ (sociais, políticos, etc.) e os ‘fatores internos’ (estéticos) do discurso, deixem de ser categorias didaticamente separáveis, para se unirem, configurando um eterno retorno (em que a repetição não significa o retorno do mesmo) a Itaparica, espaço de partida e de chegada de todos os fios desse novelo, onde as aparências são desmascaradas para que se mantenha uma busca fiel da natureza, do essencial, do ser brasileiro.

*“Ele certamente sabia que as pessoas que têm excessiva*

*certeza de que há um só caminho e uma só verdade, verdade que lhes é inteiramente conhecida, são perigosas e propensas a todo tipo de crime. Saber da verdade e querer impô-la aos outros, num mundo onde tudo muda e tudo se encobre por toda sorte de aparências, é uma grave espécie de loucura.”*

Assim, a Denodada Vila de Itaparica, ou Vera Cruz de Itaparica, ou Armação do Bom Jesus, ou Arraial do Baiacu, ou Ponta das Baleias, ou... Estância Hidromineral de Itaparica, transforma-se, no decorrer da história, numa espécie de centro estratégico da narrativa, um espaço mágico em que tudo e todos – assim como Matraga – têm sua hora e vez.

E aí porque “a verdade é o primeiro mandamento de quem historia”, mas, por outro lado, como “a sabedoria da vida tem muitos lados, não tem um lado só. Por conseguinte, era bem possível que houvesse até muitas sabedorias” – a história se entretetece através da sedutora tensão entre a realidade e o ficcional.

Observe-se, como um exemplo entre tantos, a parte em que se recria a Guerra do Paraguai, momento da História do Brasil de que sempre conhecemos alguma versão. Mas agora, quando Itaparica vai à guerra, são as entidades mágicas, os orixás do candomblé afro-baiano que decidem a derrota paraguaia. Contra a estupidez obtusa e sem saída da guerra, João Ubaldo lança as divindades, que, como nas grandes epopéias, discutem, armam intrigas, brigam, humanizam-se ou se tornam sublimes para interferir no trágico destino dos homens.

Mais uma vez, a literatura funciona como forma que tenta ser unificadora, transformando em imagem a multiplicidade de referências da realidade (V. Octavio Paz) conciliando as contradições, recuperando todas as vozes, desestabilizando os aspectos mecânicos, estereotipados e massificados das consciências.

Mas também, como diz Alfredo Bosi, mantém-se o princípio de que arte é forma cognitiva, percepção do real histórico e psicológico, a partir de uma perspectiva cultural que toma a forma de um ‘ponto de vista’ ou ‘foco narrativo’, espécie de consciência vigilante que determina e estiliza o espaço, o tempo, os personagens, a trama, a obra enfim.

Podemos observar este jogo entre realidade e ficção como preocupação do autor, uma vez que no romance, correndo pa-

ralelamente à história propriamente dita, há um tipo de meta-narrativa que discute justamente estas relações entre a História (supostamente real) e a história (supostamente ficcional):

*“Mas, explicou o cego, a História não é só essa que está nos livros, até porque muitos dos que escrevem livros mentem mais do que os que contam histórias de Trancoso. Houve, no tempo do antigo Egito, terra do Rei São Salomão, cerca da terra da Rainha de Sabá, por cima do Reino Judeu, uma grande biblioteca, que nela tudo continha sobre o conhecimento, chamada de Alsandria. Pois muito bem, um belo dia essa grande biblioteca pega fogo, subindo na fumaça todo aquele conhecimento e até mesmo os nomes dos que tinham o mais desse conhecimento e escrito os livros que lá havia. Desde esse dia que se sabe que toda a História é falsa ou meio falsa e cada geração que chega resolve o que acontece antes dela e assim a História dos livros é tão inventada quanto a dos jornais, onde se lê cada peto de arrepiar os cabelos. Poucos livros devem ser confiados, assim como poucas pessoas, é a mesma coisa.*

*Além disso, continuou o cego, a História feita por papéis deixa passar tudo aquilo que não se botou no papel e só se bota no papel o que interessa. Alguém que tenha o conhecimento da escrita pega de pena e tinteiro para botar no papel o que não lhe interessa? Alguém que roubou escreve que roubou, quem matou escreve que matou, quem deu falso testemunho confessa que foi mentiroso? Não confessa. Alguém escreve bem do inimigo? Não escreve. Então toda História dos papéis é pelo interesse de alguém.*

*E tem mais, falou o cego, o que para um é preto como carvão, para outro é alvo como um jasmim. O que para um é alimento ou metal de valor, para outro é veneno ou flandre. O que para um é um grande acontecimento, para outro é vergonha a negar. O que para um é importante, para outro não existe. Por conseguinte, a maior parte da História se oculta na consciência dos homens e por isso a maior parte da História nunca ninguém vai saber, isto para não falar em coisas como Alsandria, que matam a memória”.*

É por isso também, que são inúmeras as vezes em que determinados momentos da narrativa do romance que já ficaram

para trás na estrutura da história, voltam a aparecer recontados num ‘futuro’, e sempre diferentemente. Nunca as coisas reaparecem exatamente como nos tinham sido informadas.

E o antigo conceito de mimesis, sempre revisitado ao longo da história da arte ocidental, pode ser aqui aplicado, não como pura imitação de uma realidade, mas do jeito como aparece a seguir, numa definição de Luiz Costa Lima: “(...) a mimese como produção de diferença, a partir de um horizonte de semelhança, significa dizer, do ponto de vista do ficcionista (poeta ou prosador), que ele cria ‘irrealidades’, irrealidades e não reconhecimentos, a partir do que, entretanto, lhe atinge como realidade; e, do ponto de vista do receptor, que este, a partir da semelhança que reconhece no que lê, vê ou escuta, realiza a ‘irrealidade’ do objeto com que está em contato.”

Tentando completar o longo circuito do romance, eis-nos de volta a Itaparica, ao encontro da “Irmandade do Povo Brasileiro”, imagem talvez mais importante da história e que configura-se na mesma como a força redentora que finalmente brota do sofrimento dos escravos baianos para livrar o povo brasileiro da opressão que até hoje o domina.

*“O pai lhe perguntou também sobre a Irmandade. Lourenço lhe respondeu que existe a Irmandade do Povo Brasileiro e a Irmandade do Homem, que não há como acreditar que não existam. Então coisas tão maravilhosas não aconteceram e não acontecem, não só com eles como a todos, mesmo os mais miseráveis?*

*A cada instante, se se pensar bem, revela-se que nada é por acaso e, no entanto, o senso comum, maneira de amarrar a consciência epear a liberdade, nega isso e prefere continuar a acreditar em verdades velhas e safadas.”*

Mas, como também se pode ler, a “Irmandade” é alguma coisa que, no texto e na consciência das gentes se constrói como algo lendário, às vezes nebuloso, às vezes poético, porque não completamente concretizado nos corações e mentes destas mesmas consciências.

*“Havia mesmo a Irmandade? Ela própria fora um pouco vaga quando falara na Irmandade, era como uma coisa que existisse e não existisse. Será que tudo na vida era assim, tudo existia e não existia? Aquele que pertence à Irman-*

*dade é o primeiro a saber – ela tinha dito também. E muitas vezes ele achava que sabia, mas também achava que aquilo era parte de tal loucura, a qual não podia cultivar. Como ter certeza?”*

E Maria da Fé, a grande líder da “Irmandade”, é, ela própria, uma invenção realmente poética; resultado do estupro de uma escrava pelo Senhor Barão de Pirapuama; amadurecida pelo sofrimento e pela determinação; lenda viva que aparece/desaparece misteriosamente, cercada de misticismo por todos os lados; guerrilheira romântica que dedica sua vida à causa da justiça e da liberdade e à conscientização de seu povo. Sendo até mesmo sua morte revestida da forma do mito, da aura romântica, como vemos aí abaixo:

*“Que havia acontecido a Maria da Fé, ela não estivera, por exemplo, em Canudos? Lourenço lhe disse que sim, ela estivera em Canudos, continuara a lutar pelo resto da vida, pois morrera, sim, morrera, embora ninguém soubesse como, porque, já bem velha, embora forte, um dia desaparecera, depois de ter saído sozinha num barco, pelo mar em redor das escabras da Ponte de Nossa Senhora, sim, em cujas redondezas, nem em nenhum outro lugar, jamais se achou nem resto dela nem do barco, vestígio nenhum.”*

Fica assim ‘encantada’ a personagem, que é Maria e também Dafé.

Como diz na letra de um samba-enredo sobre o romance em questão – “No verde esperança dos olhos de Maria/luzia a fé de um povo que sofria”. E, ao final da história, fica também encantada, como um grito parado no ar, que pode explodir a qualquer momento, a luta do povo brasileiro, pairando e envolvendo esse Itaparica-Brasil de João Ubaldo, nas imagens que metaforizam, poetizam a liberdade:

*“Me deram asas e assim posso navegar entre as estrelas e pressentir o Absoluto e ter Fé, não só por dom como por conquista.”*

Ou:

*“Ninguém olhou para cima e assim ninguém viu, no meio*

*do temporal, o Espírito do Homem, erradio mas cheio de esperança, vagando sobre as águas sem luz da grande baía.”*

Assim seja. Um romance fala de muitas coisas e oferece muitíssimos caminhos de leitura. Mas cada leitura, obrigatoriamente, como neste caso, fica aprisionada em seu próprio espaço. Por isso, cada um deve buscar conhecer a história, para reconhecê-la em si mesmo.

E ainda:

*“Havia coisas que não se explicavam com palavras, mesmo porque as palavras são tiranas e não se desgrudam da experiência de cada um, assim escravizando as mentes.”*

*Da literatura do século passado nos ficou a idéia de que o Brasil era uma diversidade física fascinante, habitada por um povo filho da simbólica conjunção amorosa entre o colonizador português e a índia colonizada. Neste século as metamorfoses de Macunaíma incluíam um novo componente, o negro, mas de alguma forma ainda era possível fazer convergir diferença de culturas, um múltiplo, numa personagem estrategicamente unitária. No romance de João Ubaldo Ribeiro, o povo brasileiro é uma pluralidade incontrolável de personagens que se relacionam pela força, pela subordinação, pela violência, em permanente tensão.*

*“Viva o povo brasileiro” é um grito, uma palavra de ordem, dessas que as empreitadas cívicas ou políticas autoritariamente nos impõem, esvaziadas. Na insignificância e vazio do grito, o romance Viva o Povo Brasileiro encontra o espaço para ainda uma outra e mais relevante pluralidade: a dispersão e o jogo das falas. A extensão do romance deve menos à massa histórico-temporal que o encorpa, do que à necessidade de pôr em cena uma multiplicidade de falas, de versões, de discursos que se digladiam e superpõem, pulverizando qualquer pretensão à unidade. A “alminha” brasileira só pode se manifestar nas diferenciadas encarnações que o romance dramatiza. Também o escritor, no romance, se corporifica nos inúmeros e diferenciados estilos narrativos, uma forma de dizer ao leitor que qualquer univocidade resultaria na presença de uma consciência unificadora que, de fora, nos diria o que é o povo brasileiro. É mais consistente deixar que ele fale.*

DEPOIMENTOS

Eneida Leal  
Cunha Profa.  
Literatura Br.  
leira do Instit.  
de Letras  
UFBA

Francisco Caetano Lopes Jr.  
Professor do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Pittsburgh, USA

O título talvez englobe minha opinião num breve comentário como este. Das três palavras que o compõem, ficaria com nenhuma. Por quê? Em primeiro lugar, a idéia de "viva, festas, alarido" fica extremamente prejudicada no processo de leitura — a cada passo, mais pesada e desinteressante. A seguir, a questão do "povo", caso possa ser vista tratada aí com alguma "dignidade", se perde em meio a meandros (não tão) históricos ou narrativos. Finalmente, parece-me um pouco ultrapassada a maneira como o autor conduz os elementos componentes da nossa busca de identidade (o "brasileiro" do título). Em se tratando de João Ubaldo Ribeiro, prefiro as sutilezas (nem sempre tão sutis) de Vence cavalo e o outro povo.

Wilson Madeira Filho PUC-RJ  
- Letras

Para falar do romance Viva o Povo Brasileiro, de João Ubaldo Ribeiro, devemos ter o mesmo cuidado que têm, neste, todos os personagens que se deparam com a palavra, sempre desconfiados de suas armadilhas, atentos em serem sucintos e antes insinuarem do que se exporem. Então, digamos: Viva o Povo Brasileiro é o grande épico da literatura contemporânea em nosso país. Os preconceitos de uma classe média fascista de hoje são finalmente ironizados nas falas de personagens a viverem a saga da construção da idéia de nacionalidade sob o patrocínio de paternalismos decadentes, seja o colonialismo jesuíta, o Império ou a República. Muitos dos truques da modernidade estão presentes: alusão ao próprio ato da escrita do romance, ambigüidade sexual, personalidade fragmentada, mudanças de foco narrativo, mudanças de protagonistas, alteração da cronologia, referência a obras de outros autores, busca de uma identidade nacional, tematização das "minorias", paródia aos clássicos, eroticidade freqüente... Em suma, um admirável e talentoso exercício das técnicas à disposição, enfrentando o mercado de best-sellers com uma estrutura a um tempo simples e rica, que surge como um brado contra a hierarquização cultural.

Paulo César Prazeres Moura UERJ-Letras

O romance Viva o Povo Brasileiro está centralizado no confronto de duas vertentes que em todo percurso da obra estão presentes: opressor x oprimido; embora seja o processo de articulação e desarticulação dos personagens que nos dará, na sua relação com o espaço e com os acontecimentos, o caminho trilhado pela ALMA do povo brasileiro. Se por um lado, a identidade nacional, a nível histórico, se desarticula projetando-se

para o vazio, por outro, ela se revela vigorosa a cada passo da leitura.

E portanto, na vertente dos oprimidos, que encontraremos a face do Brasil proibido. Um outro lado da face também rica de cultura — com língua própria, com costumes próprios, com deuses próprios, mas que pela força do opressor foi-se desmantelando pelo caminho.

O romance de João Ubaldo Ribeiro para este momento de quase-nenhuma esperança em que vivemos é importante. Porque, quem sabe, como ele, começemos pelo resgate de nosso amor próprio.